

## **O ESPAÇO URBANO COMO REFERÊNCIA DE HISTÓRIA E MEMÓRIA: A MUSEALIZAÇÃO DO PARQUE MOSCOSO**

### **THE URBAN SPACE AS A REFERENCE FOR HISTORY AND MEMORY: MAKING MOSCOSO PARK INTO A MUSEUM**

Raquel Félix Conti, Escola da Ciência – Biologia e História (SEME/PMV),  
raquelconti116@terra.com.br

**Resumo:** O texto trata de uma experiência teórico-prática de formação continuada de professores, realizada em 2011, num espaço de educação não-formal – a Escola da Ciência - Biologia e História –, a partir da musealização de um lugar de memória centenário de Vitória, uma cidade educadora. Tendo como eixo, portanto, o Parque Moscoso e as comemorações de seus 100 anos, a metodologia utilizada de leitura e releitura de imagens (fotográficas) permitiu reunir professores de diversos níveis e campos disciplinares, inclusive da Educação Infantil, disparando diferentes olhares e possibilidades educativas a partir de uma reflexão pautada na arquitetura e urbanismo do lugar, unindo natureza e cultura na produção do conhecimento.

**Palavras-chave:** Formação continuada de professores, Cidade educadora.

**Abstract:** This text is about a theoretical-practical experience of in-service training for teachers, that took place in 2011, in as not formal education place – Escola da Ciência - Biologia e História –, starting with the musealization of a centenary reminiscences place of Vitória, an educating city. As the central idea, the Parque Moscoso Park and its 100 years celebrations, the methodology used of reading and rereading its images (photographical ones) making it possible to get together teachers of various levels and subjects, even those of pre-school, shouring different outlooks and educative possibilities from a reflection based on the architecture and urbanism of the place, uniting nature and culture in the production of knowledge.

**Keywords:** In-service teacher training, Educating city.

**Introdução:** A Escola da Ciência – Biologia e História (ECBH) é um Centro de Ciência, Educação e Cultura (CCEC) pertencente à Secretaria de Educação (SEME) da Prefeitura Municipal de Vitória (PMV), atuando na educação não-formal há dez anos e tendo entre suas principais atribuições a formação continuada de professores. Para este momento, temos como propósito registrar o trabalho realizado no campo da formação de professores em 2011, iniciativa que teve como tema as comemorações do centenário do Parque Moscoso, um lugar de memória da cidade de Vitória, numa proposta de musealização do espaço urbano por meio da leitura e releitura de imagens. Vale dizer que a referida formação teve a parceria do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), configurando-se como um curso de extensão universitária.

**A experiência: breve histórico:** A experiência prática a ser relatada, portanto, teve

como propósito aproximar a instituição de um lugar de memória centenário, fundamentando a idéia de que Vitória é uma cidade educadora, tendo o Parque emprestado à ECBH a possibilidade de desenvolver um trabalho fora de seu espaço físico, em meio a um ambiente de grande potencialidade para a produção do conhecimento, unindo natureza e cultura. A trajetória teórico-metodológica dessa formação permitiu atuar simultaneamente, a partir da temática, na produção de conhecimento com diversos níveis e campos disciplinares, uma vez que para além de uma proposta interdisciplinar, professores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I e II pertencentes ao Sistema Municipal de Ensino de Vitória estiveram envolvidos, disparando diferentes olhares e possibilidades educativas. Procuramos fazer uma reflexão sobre o Parque levando em conta o olhar urbanístico e arquitetônico do início do século XX, época de sua criação, destacando, ainda, a década de 1950 quando uma reforma introduziu a arquitetura moderna naquele ambiente com a construção de um Jardim de Infância e de uma Concha Acústica. Assim, para nos aproximar da compreensão das “mentalidades” nos períodos indicados, três autores locais foram consultados: Muniz (1985), Canal Filho (2004) e Vasconcellos (1993). Os dois primeiros, inclusive, estiveram em companhia dos professores em visita de estudos ao Parque e ao edifício do Jardim de Infância, trabalhos de campo previstos na programação do curso de formação em apreço. No período da Primeira República, nos interessou estudar, segundo Vasconcellos (1993), “o programa urbanístico de Jerônimo Monteiro [1908-1912] [que] como o de Nestor Gomes [1920-1924] e Florentino Avidos [1924-1928], seguia a tendência nacional de incorporar o paisagismo inglês e francês como ponto de referência à organização do espaço da cidade”. Sobre isso, Muniz (1985), reforça essa percepção informando que: O Parque Moscoso, com sua fonte, suas ruínas neo-clássicas, alamedas e caminhos sinuosos, lagos com ilhotas artificiais, sapos de cimento jogando água pela boca, pontes românticas com parapeitos imitando troncos de árvore e o antigo coreto, possuem traços do estilo arquitetônico e linhas que lembram o art nouveau. Esses estilos começavam a tomar conta da cidade, num esforço para superar seu passado colonial (MUNIZ, 1985, p. 44). O local onde hoje está situado o Parque Moscoso, chamado primitivamente de Lapa do Mangal, depois Campinho, era uma pequena enseada pantanosa, sendo ali depositados os detritos e dejetos humanos durante séculos. Enquanto o movimento da maré pôde fazer seu trabalho natural de limpeza na referida enseada, a situação sanitária esteve razoavelmente sob controle. Mas a partir da construção da Santa Casa de Misericórdia, situada numa elevação entre os atuais Parque Moscoso e Vila Rubim, tornou-se necessário facilitar o acesso ao hospital por meio da construção de um aterro que originou a Rua do Comércio. Esse aterro fechou a área do Campinho, impedindo o movimento da maré, tornando o local um alagado sujo, exalando mau cheiro. Com a alta do café, no início do s. XX, inicia-se o desenvolvimento do comércio de Vitória proporcionando recursos para a administração pública enfrentar o desafio de sanear a cidade, sendo o maior deles o saneamento do Campinho. Inaugurado em 1912 no final do governo Jerônimo Monteiro, o projeto do Parque foi entregue a Paulo Motta Teixeira que à moda do final do século XIX e início do XX, apresenta traços do Ecletismo e linhas que lembram o *art nouveau* da *belle époque*. Isso posto, vale uma referência à década de 1950, momento no qual ocorre a primeira intervenção no Parque com a construção do Jardim de Infância Ernestina Pessoa e da Concha Acústica, ambas projetadas dentro do

pensamento da moderna arquitetura brasileira e que não alteraram significativamente o projeto original. Feito esse breve histórico, cabe agora relacioná-lo à formação continuada de professores denominada “Relendo imagens, atribuindo significados: o centenário do Parque Moscoso”, apropriando-se da potencialidade educativa do lugar pela via do patrimônio arquitetônico e urbanístico, apoiada em referencial de memória. Na verdade, vale ressaltar, a formação de 2011 retomou uma metodologia já experimentada anteriormente, de maneira que podemos apontá-la como uma continuidade nos “modos de fazer” da instituição, mantendo a temática da cidade educadora e seus “lugares de memória”, a metodologia de leitura e releitura de imagens (fotográficas), a arquitetura como base de análise e o encontro de professores de vários campos disciplinares e níveis de ensino num curso de formação continuada caracterizado pela modalidade extensão universitária. Esse fazer, pensamos, contribuiu para a consolidação da ECBH como lugar de acolhimento de profissionais para repensar permanentemente suas práticas, ampliando os espaços-tempos da formação continuada. Nesse sentido, nossa proposta foi a de possibilitar encontros que mobilizassem os saberes e os fazeres dos profissionais, construindo com os sujeitos sua prática pedagógico-social, a partir da leitura de imagens entendidas simultaneamente como obras de arte e documentos históricos. Estas “falam” das sociedades que as criaram, dos seus gostos, valores e preferências, níveis tecnológicos, hábitos, bem como suas complexas redes de relações sociais. Finalizamos reiterando que participar das comemorações dos 100 anos do Parque Moscoso fortalecendo o princípio de cidade educadora que permeia todas as nossas atividades foi uma experiência muito importante para a instituição no campo de formação continuada de professores e aponta novas possibilidades. Musealizar o espaço urbano é uma das nossas intenções permanentes, fundamentando propostas que tragam para a reflexão as potencialidades educadoras da cidade e ampliando a ação da ECBH para além de seu espaço físico. Seja na Primeira República, seja na década de 1950, importou destacar o Parque como um “lugar de memória”, estabelecendo relações com as temporalidades indicadas visando levar à reflexão sobre o espaço-tempo atual onde alunos e alunas, professores e professoras vivem e constroem seu cotidiano, podendo ser colocados os seguintes questionamentos: o que devemos lembrar? O que devemos esquecer?

### **Referências Bibliográficas:**

CANAL FILHO, P. *Vitória republicana: um salto para a modernidade*. A história do ecletismo do centro de Vitória contada por André Carloni, Josef Pitilik e a Praça Oito de Setembro. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, PROARQ / UFRJ. Rio de Janeiro, 2004.

MUNIZ, M. I. P. **Parque Moscoso**: documento de vida. Vitória: Fundação Jônice Tristão/ Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1985.

VASCONCELLOS, J. G. M. (Org.). **Vitória**: trajetórias de uma cidade. Vitória: IHGES, 1993.